

COLONIALISMO DIGITAL E PEDAGOGIA DA CRUELDADE: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E RITA SEGATO PARA REFLETIR CRITICAMENTE SOBRE A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Marília Claudia Favreto Sinâni

Lívian Lino Netto

Introdução

Nos últimos anos, a vida digital e a vida real tornaram-se indissociáveis para grande parte da população. Houve um aumento significativo no consumo de tecnologias digitais e seus dispositivos parecem estar se tornando uma extensão do corpo, pois são utilizados para comunicar ideias, anunciar tomadas de decisões, formar opinião, vender estilos de vida, disseminar notícias, criar conteúdo, acessar Inteligências Artificiais, veicular produtos midiáticos, entre tantas outras funcionalidades. No entanto, o uso excessivo das tecnologias digitais também vem trazendo mudanças e impactos na vida humana como a obsolescência e a exploração de dados, por exemplo.

O colonialismo digital é um conceito que discute o uso das tecnologias digitais a serviço das práticas de dominação e exploração. Pode ser encontrado nos trabalhos de Deivison Faustino, Walter Lippold, Abeba Birhane, Tarcízio Silva, mas antes de ter sido conceituado por tais autores/as, a problematização sobre o uso da tecnologia já vinha sendo discutida nas obras de Paulo Freire. Nos livros *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação* e *À sombra desta mangueira*, encontramos aportes para pensar de forma crítica os impactos das tecnologias digitais na educação.

Essa mudança do ritmo da vida humana tem gerado processos de desterritorialização e dessensibilização dos indivíduos em relação ao coletivo, corroborando para a formação de pessoas cada vez mais expostas às práticas de dominação e exploração. No livro *Contra-pedaagogías de la crueldad* (2018), a professora e pesquisadora Rita Segato define como pedagogia da crueldade “*a todos los actos y prácticas que enseñan, habitúan y programan a los sujetos a transmutar lo vivo y su vitalidad en cosas*” (p. 7). Essa é reproduzida nas relações sociais, na educação e utiliza a violência como modo de controle, criando uma subjetividade cruel, na qual a concorrência, o abuso de poder, permeiam a formação de sujeitos, proporcionando formas narcísicas e consumistas. Assim, a pedagogia da crueldade, através da mídia, transforma pessoas em meros espectadores distantes das realidades sociais das quais fazem parte. A violência reproduzida constantemente, produz uma normalização da

crueledade, na qual os níveis de empatia com problemas alheios sejam baixos ou inexistentes, dessensibilizando as pessoas do sofrimento de outros.

O presente trabalho traz o recorte da tese de Doutorado em Educação que está em processo de construção. Tem como objetivo refletir sobre o colonialismo na Era digital e seus atravessamentos no campo da educação. Para isso, segue o preceito de Paulo Freire para refletir de “forma criticamente curiosa” (Freire e Guimarães, 2013, p. 215) sobre seu uso e consequências na educação. Com base nas contribuições de Paulo Freire, Rita Segato e pesquisadores que dialogam sobre educação, apresentamos breves reflexões sobre a relação entre o colonialismo e as tecnologias digitais, de modo a fomentar discussões que apontem para novas perspectivas e práticas conscientizadoras.

Colonialismo digital, desterritorialização e dessensibilização

A linguagem digital está cada vez mais inscrita nos diferentes modos de vida e traz consigo a possibilidade de apresentar a pluralidade de vivências e pensamentos presentes no mundo. De acordo com Guareschi (2018), o uso das tecnologias digitais encurta distâncias, modifica espaços e acelera o tempo. Indígenas de diferentes etnias conseguem publicar vídeos do dia-a-dia e gerar debates sobre as práticas culturais de seus grupos por meio das redes sociais. Movimentos sociais conseguem se articular de maneira mais rápida, criando redes de conexão a nível global. Pessoas de todo o mundo podem acessar o ciberespaço para expressar opiniões e apresentar variados estilos de vida. No entanto, é importante destacar que as tecnologias digitais são produzidas por seres humanos imersos em contextos contraditórios e hierárquicos, marcados por relações de poder e a cumprindo as demandas do lucro e do capital.

Os impactos das tecnologias sobre as três dimensões (distância, espaço e tempo), tem revelado dois tipos de processos: a desterritorialização e a dessensibilização. Com base nos estudos de Guareschi (2018), a cultura e a política se desterritorializam à medida que as tecnologias digitais avançam, pois se desenraízam, migrando também para o meio virtual. Há jogos de poder e interesses que envolvem as tecnologias digitais e, nesse processo de desterritorialização, as contradições, diversidades e desigualdades podem ser agravadas, mesmo que de maneiras sutis e naturalizadas.

Apesar da explosão tecnológica e os processos acelerados de mudança, é importante compreender que as tecnologias se mostram muito mais avançadas do que a maturidade político-democrática dos seres humanos que as utilizam (Freire, 2015). A destruição do planeta, a conversão da vida em mecanismos econômicos, a exploração

de dados, os discursos de ódio nos meios digitais, entre tantos outros acontecimentos, demonstram isso.

Não é de hoje que a história é reduzida ao fatalismo e seus valores são resumidos a vantagens individuais, e a tecnologia vem sendo limitada dentro deste paradigma. A repetição da violência tem alcançado nossos olhos por meio das tecnologias digitais, que são o reflexo de uma sociedade permeada por paisagens de crueldade cada vez mais normalizadas. Quando líderes de empresas de tecnologia, como Mark Zuckerberg e Elon Musk, abandonam a checagem de fatos, distorcem o conceito de “censura” para justificar seus atos, retiram todos os temas associados às minorias sociais e se aliam aos interesses da extrema direita, torna-se possível identificar que os “donos” das tecnologias mais utilizadas no contexto latino-americano têm um posicionamento político firmado. Portanto, os jogos de poder incorporados nas tecnologias digitais se tornam mais visíveis, pois “El mundo de dueños que habitamos necesita de personalidades no empáticas, de sujetos incapaces de experimentar la conmutabilidad de las posiciones, es decir, de ponerse en el lugar del otro” (Segato, 2018, p. 79).

De certo modo, as tecnologias digitais mantêm práticas de dominação atualizadas para as demandas do tempo presente. A exploração de corpos e territórios, herdada do passado colonial, não cessa com a desterritorialização que as tecnologias digitais oferecem, pois, além das matérias-primas extraídas para a fabricação de dispositivos tecnológicos, nossos dados também são explorados e convertidos em mercadorias. Dessa forma, o colonialismo digital é responsável por atualizar “a exploração imperialista do capitalismo neoliberal” (Faustino e Lippold, 2023, p. 4), adotando violências sutis que favorecem a submissão das pessoas à servidão maquínica e aos sistemas algorítmicos dos grandes centros.

Por um lado, o avanço da tecnologia é uma expressão da criatividade humana, mas, por outro, é importante refletir de forma crítica “a serviço de ‘quê’ e a serviço de ‘quem’” (Freire e Guimarães, 2013, p. 27) ela opera. Diante da existência do colonialismo digital, cabe a nós questionarmos: “Se a máquina domina o humano, ainda que por meio de uma servidão voluntária, quem domina a máquina?” (Faustino e Lippold, 2023, p. 41). Quando apontam as problemáticas do uso excessivo das tecnologias digitais, é comum que se olhe primeiro para os algoritmos e a máquina, mas não para quem os programa.

Tecnologias digitais e educação

Levando em consideração que a escola é uma instituição social e histórica que cumpre seu papel através do tempo e espaço (Freire e Guimarães, 2013), é importante refletir sobre os impactos que as tecnologias digitais vem causando na educação. As modificações das dimensões espaço, tempo e distância, trazem para o contexto escolar gerações que já nascem imersas no ciberespaço.

As tecnologias digitais produzem de maneira cada vez mais acelerada novos meios de comunicação que atravessam o contexto escolar, formando opiniões e visões distintas sobre a realidade. Para Freire e Guimarães (2013), os conteúdos propagados nestes meios de comunicação preenchem o cotidiano do corpo discente e carregam consigo uma função educativa. Vão muito além do mero entretenimento, pois neles estão incorporados os mais sutis processos educativos e não tem como pensar sobre o uso das tecnologias sem considerar a questão do poder. Afinal, quem tem o poder sobre a produção da tecnologia? Quem domina os meios de comunicação presentes no meio digital? Qual é a probabilidade de as tecnologias digitais serem constituídas por um monopólio detentor de poder capaz de manipular a sociedade a serviço de interesses particulares?

Estamos cada vez mais dependentes das tecnologias. Os conhecimentos são capturados, coisificados pela lógica neoliberal, fazendo com que deixemos a posição de criadores das tecnologias para sermos apenas consumidores. Para Faustino e Lippold (2023), o colonialismo digital tem sido responsável por subsumir não apenas a vida humana, mas também a criatividade, a cognição, o ócio e os processos produtivos às lógicas extrativistas presentes nas grandes corporações empresariais. Isso corrobora para a individualização da vida humana, a ocupação do papel de espectadores/as cada vez mais distantes da realidade social, ao fatalismo, a coisificação da vida como um todo.

Assim como em diversas dimensões da realidade social, no mundo digital também está presente a pedagogia da crueldade que, de acordo com Rita Segato (2018), diz respeito à fase apocalíptica do capital em que são reproduzidas práticas que ensinam os sujeitos a converter aquilo que é vivo em coisas, repetindo violências de forma naturalizada e gerando a dessensibilização ao sofrimento dos outros. Nas redes sociais, por exemplo, discursos de ódio, ataques às minorias, espetacularização da dor do/a outro/a, entre tantas outras ações, são facilmente veiculados por diversas mídias, justificados por uma equivocada compreensão do que é “liberdade de expressão”.

A América Latina e Caribe, há séculos, sofre com a lógica extrativista, que coisifica corpos, espaços e saberes. Agora, no contexto digital, o colonialismo é perpetuado através de algoritmos que espalham constantemente ideias capitalistas, eurocêntricas, estadunidenses e mantém a colonialidade do saber e do poder, como forma de dominação que continuam com a guerra e o genocídio, impedindo a destruição de um projeto histórico que não considera outras formas de ser e os outros (Segato, 2018).

Precisamos debater sobre o uso das tecnologias digitais e seu impacto na educação, pois a tecnologia é marcada pela ambiguidade, pode tanto ser aliada da negação da vocação de ser mais dos seres humanos, quanto a práticas humanizadoras. A busca pela conscientização do uso das tecnologias nos permite entender que “não cabe à tecnologia decidir sobre a que prática servir, mas aos homens e às mulheres, fundados em princípios éticos iluminadores da ação política” (Freire, 2015, p. 28).

O avanço tecnológico não pode ser determinado pelos interesses dos poderosos. Não podemos nos tornar fatalistas para satisfazer os interesses daqueles/as que estão produzindo as tecnologias. É preciso formar pessoas que questionam os princípios éticos por trás do acelerado avanço tecnológico, assumindo uma pedagogia crítica que forme pessoas capazes de decidir para além daquilo que é dado pelos algoritmos. Nesse sentido é urgente uma contra-pedagogia da crueldade capaz de pensar e atuar coletivamente, ampliando os vínculos comunitários e a preservação da vida, em um projeto histórico capaz de ser produzido contra a coisificação da vida (Segato, 2018).

Considerações finais

Os estudos sobre colonialismo digital nas áreas de tecnologia da informação e ciências sociais têm ganhado espaço no campo epistêmico, mas ainda é preciso investigar mais a fundo sua relação com a educação, pois as tecnologias digitais oferecem possibilidades e desafios que precisam ser considerados. É nesse sentido que tem se tornado cada vez mais necessário pensar novas ações políticas e conscientizadoras para enfrentarmos o colonialismo digital por meio da educação. Falamos aqui da educação no seu viés libertador e engajado com a contra-pedagogia da crueldade, capaz de desenvolver a maturidade política da população, formando pessoas que criam tecnologias e não apenas as consomem dentro do paradigma fatalista.

Referências

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: para uma leitura crítica da mídia**. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.